

## NOME E VERBO EM LIBRAS: A REDUPLICAÇÃO SOB DISTINTAS ABORDAGENS

\*\*\*

## NOUN AND VERB IN LIBRAS: REDUPLICATION UNDER DIFFERENT APPROACHES

Roberto Willians de Lima Santos<sup>1</sup>  
Valéria Faria Cardoso<sup>2</sup>

**Data de recebimento do texto:** 08/02/2025

**Data de aceite:** 03/03/2025

**Resumo.** O presente artigo abordar o processo derivacional de reduplicação em Libras, buscando interpretá-lo enquanto característica morfológica que pode categorizar pares de nomes (N) e verbos (V) distintamente, a partir de uma discussão que se produz na literatura de perspectivas teóricas funcionalistas e gerativistas, baseando-nos nas pesquisas de Quadros e Karnopp (2004), Chaibue (2013), Pizzio (2011), Santana & Lessa-de-Oliveira (2020), Santos (2020). Numa perspectiva funcionalista, tem-se que a discussão a respeito da distinção de N e V em Libras deve ser entendida do ponto de vista dos processos cognitivos envolvidos, e não como categorias lexicais em si. Por fim, numa perspectiva gerativista a distinção categorial em Libras não se dá de forma morfológica, mas apenas de forma sintática, concluindo que a categorização de itens lexicais em Libras se dá de forma estrutural, definida dentro do contexto sintático e não de forma morfofonológica.

**Palavras-chave:** Libras. Reduplicação. Funcionalismo. Gerativismo.

**Abstract.** This article addresses the derivational process of reduplication in Libras, seeking to interpret it as a morphological characteristic that can categorize pairs of nouns (N) and verbs (V) distinctly, based on a discussion that occurs in the literature from functionalist and generative theoretical perspectives, based on the research of Quadros and Karnopp (2004), Chaibue (2013), Pizzio (2011), Santana & Lessa-de-Oliveira (2020), Santos (2020). From a functionalist perspective, it follows that the discussion regarding the distinction between N and V in Libras should be understood from the point of view of the cognitive processes involved, and not as lexical categories per se. Finally, from a generative perspective, the categorial distinction in Libras does not occur in a morphological way, but only in a syntactic way, concluding that the categorization of lexical items in Libras occurs in a structural way, defined within the syntactic context and not in a morphophonological way.

**Keywords:** Libras. Reduplication. Functionalism. Generativism.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pela Unemat. E-mail: roberto.willians@unemat.br

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Unemat e docente da área de Linguística na Universidade Estado do Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: valeria.cardoso@unemat.br

## 1. Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras) é uma língua *per si* por abranger o léxico e gramática próprios. Deve-se levar em conta que a produtividade lexical é um princípio da linguagem e independe do sistema sensório-motor disponível para o indivíduo, seja ele oral-auditivo ou visuo-espacial, pois línguas de modalidade visuo-espacial ou visuo-gestual, acessada pelos olhos e produzida pelas mãos e pelo corpo, utiliza-se de inclinações corporais, direcionamento do olhar e expressões não manuais, dotadas de valor gramatical. Então, propõe-se para o presente trabalho abordar o processo derivacional de reduplicação em Libras, buscando interpretá-lo enquanto característica morfológica que pode categorizar pares de nomes e verbos distintamente, a partir de uma discussão que se produz na literatura de perspectivas teóricas funcionalistas e gerativistas, baseando-nos nas pesquisas de Quadros e Karnopp (2004), Chaibue (2013), Pizzio (2011), Santana & Lessa-de-Oliveira (2020), Santos (2020), entre outros.

Nas seções que seguem a essa introdução, abordam-se a categorização de nomes e verbos, apresentando duas perspectivas principais: o funcionalismo-tipológico (Seção 2.1) e o gerativismo (Seção 2.2). Em seguida, na Seção 3, examinamos a reduplicação como um fenômeno morfológico, propondo uma análise que considera tanto uma morfologia baseada em morfemas quanto uma baseada em lexemas. A Seção 4 concentra-se no processo de formação de sinais e sua relação com a reduplicação em línguas de sinais, destacando aspectos morfológicos específicos dessa modalidade linguística. Na Seção 5, apresenta-se a categorização de nome e verbo em línguas de sinais sob a perspectiva de diferentes abordagens teóricas, subdividindo a análise nas perspectivas funcionalistas (Seção 5.1) e gerativista (Seção 5.2). Finalmente, as considerações finais que resumem as principais discussões e resultados.

## 2. Categorização de nomes e verbos

Os itens lexicais de uma língua, como o português ou Libras, podem ser divididos em um número limitado de categorias lexicais. Parece que uma propriedade universal nas mais diversas línguas naturais é a divisão de palavras com base em características verbais e nominais. Além dos aspectos relacionados à gramática

universal, nosso trabalho também enfoca os aspectos lexicais, morfológicos e sintáticos relacionados às categorias nome e verbo.

## 2.1. Funcionalismo-tipológico

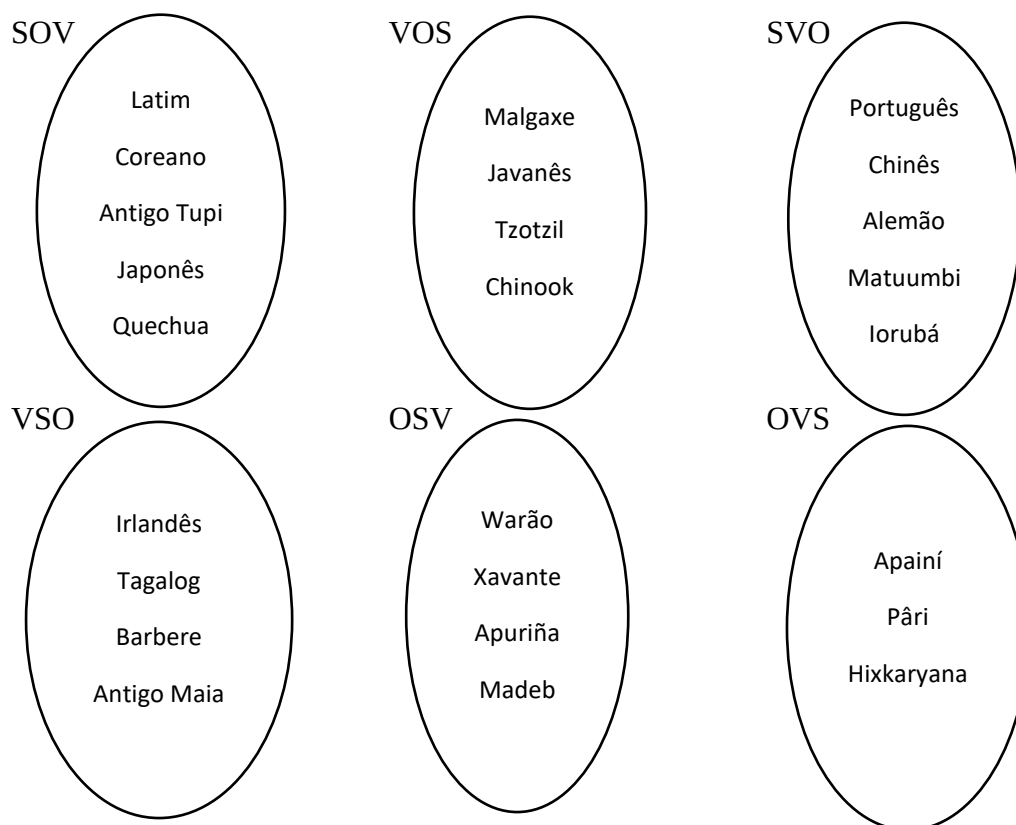
A tipologia linguística busca identificar por meio da análise de dados comparativos de línguas inclusive não relacionadas genealogicamente, as características estruturais que se destacam em meio à variabilidade existente entre as línguas do mundo, bem como as características estruturais presentes em todas as línguas analisadas – aquelas propriedades ditas “universais”.

O procedimento metodológico hipotético-dedutivo baseia-se na abordagem inatista da linguagem e investiga estruturas abstratas atribuídas ao módulo da linguagem supostamente existente na mente humana. Em contrapartida, o procedimento metodológico predominantemente indutivo busca uma análise a partir de dados empíricos de uma variedade de línguas, levando em consideração aspectos estruturais e, conforme afirma Comrie (1989), a análise empírica de uma variedade de línguas é ponto de partida para o apontamento dos universais linguísticos, os quais apresentam uma tripla divisão das possibilidades da linguagem humana em: a) propriedades necessárias; b) propriedades impossíveis; e c) propriedades possíveis, mas não necessárias.

Diante destas possibilidades da linguagem humana, os universais podem ser divididos basicamente em absolutos e tendências. Tanto os universais absolutos quanto as tendências podem ser implicacionais e não-implicacionais (Comrie, 1989). Neste trabalho, o universal em questão é o de que “todas as línguas fazem distinção entre Nome e Verbo”.

A primeira coisa a entender na tipologia linguística é que o objetivo primordial é classificar as línguas humanas em “tipos”. Os tipos correspondem aos agrupamentos de línguas. Na amostra, eles têm a mesma característica estrutural (em inglês: *feature*, “propriedade, característica, traço”), como parâmetro para classificação:

**Figura 1: Tipos Linguísticos (Feature: ordem de sujeito, verbo e objeto).**



**Fonte: (Bossaglia, 2019)**

As línguas são divididas em seis tipos sintáticos sequencialmente determinados. O português, que fique claro, é do tipo SVO (As vacas comem de capim), já que a Libras é língua natural que também segue a sintaxe, por isso que a língua de modalidade gesto-visual-espacial, mas também existem línguas que colocam esses três elementos em ordens diferentes: SOV (“As vacas de capim comem”), VSO (“comem as vacas de capim”), OSV (“de capim as vacas comem”), OVS (“de capim comem as vacas”) e VOS (“comem de capim as vacas”).

Nesse sentido, apontou que no sujeito (S), verbo (V) e objeto (O), algumas ordens de palavras são mais comuns do que outras. A língua geralmente permite várias solicitações, mas Greenberg (1996, p. 67), aponta que até mesmo essa variação existe, e cada língua geralmente tem uma ordem de palavra dominante. Segundo o autor, a ordem dominante pode ser SOV, SVO ou VSO. Ele percebeu que a ordem dos elementos muitas vezes é a mesma, ou seja, há um objeto após a preposição na língua VO, enquanto a ordem da língua OV é invertida, com objeto depois a preposição.

A tipologista linguística postulada por Greenberg (1996), que de acordo com o autor, apoia a universalidade linguística em uma abordagem de tipologia funcional porque ele tenta explicar a estrutura linguística principalmente em termos de função linguística. Isso contrasta com a abordagem formalista de Chomsky (1995), que vê a língua como um sistema autônomo e idiossincrático que pode ser explicado em termos de sua própria estrutura/organização. Assim, além dos aspectos relacionados à gramática universal, esse trabalho também enfoca os aspectos lexicais, morfológicos e sintáticos relacionados às categorias nome e verbo adquiridos em sentenças em Libras por surdos e ouvintes. Com relação ao nome e ao verbo, assim a Teoria Gerativa os apresenta como categorias morfossintáticas lexicais, cujos núcleos, o Nome (N) e o Verbo (V) são projetados em sintagma nominal (NP – Nominal Phrase) e sintagma verbal (VP – Verbal Phrase), respectivamente.

## 2.2. Gerativismo

Com relação ao nome e ao verbo, a Teoria Gerativa os apresenta como categorias morfossintáticas lexicais, cujos núcleos, o Nome (N) e o Verbo (V) são projetados em sintagma nominal (NP – Nominal Phrase) e sintagma verbal (VP – Verbal Phrase), respectivamente. Conforme mostrado na tabela 1 abaixo, são quatro núcleos lexicais:

**Tabela 1: Núcleos Lexicais**

|      | [+N]     | [-N]       |
|------|----------|------------|
| [-V] | NOME     | PREPOSIÇÃO |
| [+V] | ADJETIVO | VERBO      |

**Fonte: MIOTO, SILVA e LOPES (2004:87)**

Aqueles que têm traços nominais, mas não têm traços verbais, são os NOMES. Aqueles que têm traços nominais e traços verbais, são os ADJETIVOS, aqueles que não têm traços nominais nem traços verbais, são as PREPOSIÇÕES e aqueles que não têm traços nominais e têm traços verbais, são os VERBOS.

Os traços verbais e nominais, considerando algumas propriedades (i) morfológicas, (ii) distribucionais e (iii) semânticas das palavras que compõem o léxico

das línguas naturais, busca-se compreender as características das categorias lexicais aqui estudadas, como os nomes, os verbos, as preposições e os adjetivos.

A hipótese gerativista foi refinada ao longo dos anos, à medida que os princípios, parâmetros e o próprio conceito de GU evoluíram. Um exemplo disso o refinamento como uma das principais Teorias propostas pelo Gerativista: a Teoria X-barra. A Teoria foi proposta como uma tentativa de explicar a estrutura geral da gramática. Como explica Miotto:

A teoria X-barra é o módulo da gramática encarregado de mostrar como um sintagma é estruturado. Ela é necessária para explicar a natureza do sintagma, as relações que se estabelecem dentro dele e o modo como os sintagmas se hierarquizam para formar a sentença. Como acontece com qualquer módulo da gramática, a Teoria X-barra deve ser universal a ponto de configurar-se como um esquema geral, capaz de captar a estrutura interna dos sintagmas de qualquer língua; mas também deve prestar-se a dar conta da variação nas diferentes línguas (Miotto, 2004:51).

De encontro com Miotto (2004), essa teoria gerativista X-Barra tem uma grande importância na estrutura sintagmática da Libras, sendo aplicado de diferentes formas. Na Língua Portuguesa houve muitos avanços e na Libras também se encontra esse processo. Como ocorre a estrutura do sintagma em uma frase em Libras? Pode-se ter de forma ordenada ou até mesmo invertendo a ordem das palavras. Isso só é possível por ser uma língua independente, por isso pode-se ter essa variação.

### **3. Reduplicação: para uma Morfologia baseada em morfemas e uma Morfologia baseada em lexemas**

Conforme Rosa (2005), teorias morfológicas que têm a palavra (no sentido de lexema) como sua unidade básica de análise, contrapõe-se às teorias que tomam o morfema como unidade básica. Aquelas teorias adotam modelo de análise denominado de Item-e-processo e essas o modelo de análise gramatical denominado de Item-e-arranjo.

Gleason Jr. (1961, apud Rosa, 2005) definem a reduplicação como “afixos com formas extremamente variáveis”. Conforme apontam Rosa (2005) e Gleason Jr. (1961), a reduplicação apenas como uma lista de morfemas aditivos, perde em generalidade por interpretar a reduplicação numa abordagem de Item-e-arranjo (de base

estruturalista/funcionalista), na qual a reduplicação envolve elementos aditivos (prefixos e sufixos) ou descontínuos (infixos). Uma segunda interpretação, condizente com a abordagem Item-e-processo (de base gerativista), considera a reduplicação um mecanismo que consiste na repetição (total ou parcial) de uma base.

Em linhas gerais, são dois os tipos de operações morfológicas usadas na formação de palavras: i) as operações concatenativas (ou aglutinativas), consistem no encadeamento de formas e estão diretamente relacionadas ao processo de adição; e ii) as não-concatenativas são caracterizadas por modificações morfofonológicas nas bases e nem sempre pressupõem acréscimos. Com base nisso, tem-se que a reduplicação é um processo morfológico que se dá por meio de operações não-concatenativas.

Gonçalves & Vialli (2017), mapearam as situações de conflito entre duas instâncias que caracterizam as unidades da morfologia: a forma e conteúdo, discutindo uma série de fatos que conspiram contra o ideal de univocidade entre forma e conteúdo (significado) em morfologia. Entre esses fatos linguísticos, destaca-se aqui a reduplicação. Conforme os autores, em português, a reduplicação é um fenômeno responsável pela nominalização: a repetição de uma forma verbal na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo que leva à criação de um nome; evidenciando o aspecto iterativo, podendo, ainda, especificar novos referentes, apresentando, portanto, função lexical.

(1)

esfrega-esfrega (ato de esfregar repetidas vezes)  
empurra-empurra (ato de empurrar repetidamente)  
corre-corre (confusão)  
puxa-puxa (tipo de doce)  
pega-pega (brincadeira infantil)  
come-come (jogo de vídeo-game)  
(Gonçalves & Vialli, 2017:40)

Nos dados anteriores, considera-se que a morfologia se manifesta pela adição linear de formas, adaptando-se bem aos ideais de univocidade e isolabilidade e, por isso, recebeu tratamento relativamente adequado junto à abordagem de Item-e-arranjo. Uma vez que elementos reduplicativos não são perfeitamente adaptáveis ao esquema encadeamento de peças morfológicas, por operarem não-concatenativamente, dificilmente se acomoda a esse esquema de operações concatenativas e, em função disso, foi relegada a segundo plano.

No que respeita a abordagem de Item-e-processo, tem-se que dados como os que apresentam operações de reduplicação e alomorfias levaram o modelo gerativo padrão a negar a existência de um módulo morfológico autônomo. Para Gonçalves & Vialli (2017), tais operações morfológicas passam para o componente fonológico, sendo abordadas em termos de derivação serial, recorrendo-se, para tanto, aos chamados símbolos de fronteiras: [+] para fronteiras de morfemas e [#] para fronteiras de palavras. Com isso, parte da morfologia, incluindo-se, aí, a realização de suas unidades de análise, foi incorporada ao componente fonológico.

A solução para uma morfologia baseada em lexemas (gerativista), foi distinguir dois níveis: i) o nível da estrutura semântica, que envolve as raízes e as categorias gramaticais que lidam com o material sintático-semântico e ii) o nível de expressão fonológica, em que aparecem os processos gramaticais, tais como alternâncias nas raízes, a afixação e a reduplicação. Nesse segundo nível, os formativos ou, fazem referência à expressão de uma categoria, os expoentes.

Para essa perceptiva teórica, as palavras – ou lexemas- ou itens lexicais que compõem o léxico pertencem a classes abertas, isto é, as classes que, sincronicamente, podem admitir novos membros e apresentam significado lexical. A formação de palavras novas por determinada regra é chamada de Regra de Formação de Palavra (RFP) que podem ser muito produtivas ou improdutivas.

#### **4. Processo de formação de sinais e a reduplicação em Libras**

Segundo Pacheco (2017), o léxico é o conjunto de palavras pertencentes a determinada língua. Por exemplo, tem-se um léxico da língua portuguesa que é o conjunto de todas as palavras que são compreensíveis nessa língua. O léxico se divide em categorias lexicais (onde ficam palavras de classe aberta para gerar novos termos).

Observando-se os itens lexicais de uma língua, como o português ou Libras, percebe-se que esses termos podem ser divididos em um número limitado de categorias lexicais. Parece que uma propriedade universal nas mais diversas línguas naturais é a divisão de palavras com base em características verbais e nominais.

O processo de formação de palavra a partir de morfemas é conhecido como um processo derivacional. Por meio desse processo há a criação de palavras nas línguas



naturais, que, por consequência, em Libras, nos referimos a esse processo ao tratarmos da formação de sinais.

Stokoe (1960), foi o primeiro linguista a propor que comprovassem o status da língua de sinais como língua natural, algo desnecessário para as línguas orais e língua de sinais (LS). De forma mais específica, apresentou evidências linguísticas da *American Sign Language* (ASL). Esse autor propôs que as unidades de sinais se enquadrassem em três tipos, a saber: configuração de mão, ponto de articulação e movimento. A configuração de mão refere-se à forma, o posicionamento dos dedos durante a produção do sinal. O ponto de articulação do sinal está relacionado ao lugar no corpo. Pode ainda, ser posicionado em um espaço neutro à frente do corpo onde o sinal é executado. Finalmente, o movimento refere-se à maneira como a mão se move no espaço ao expressar um sinal. O movimento pode apresentar diferentes direções como: retilíneo, sinuoso, semicircular e circulares. A mão pode tocar, bater ou ser posicionada em um ponto inicial da qual deslizará para outro ponto do corpo.

Segundo Quadros & Karnopp (2004), o léxico estabelecido da Língua Brasileira de Sinais, mostra que novos sinais evoluem e adicionam ao vocabulário estabelecido, enquanto os sinais existentes mudam de significado. O processo de derivacionais de Libras discutido é a reduplicação.

A reduplicação é um processo de afixação não linear; uma vez que envolve a cópia de material fonológico de uma base, podendo ocasionar a repetição de toda a palavra ou apenas de parte dela. A reduplicação é tomada aqui para se referir à repetição de um segmento de movimento em um sinal. Isso pode ser usado para modificar algum aspecto do significado de um sinal ou para criar um item lexical.

Há evidências de que AUSLAN (Língua de Sinais Austrália) faz algum uso de reduplicação para distinguir pares de sinais nominais e verbais relacionados. Por exemplo, o sinal “OPEN-DOOR” tende a ter um único movimento, enquanto o sinal “DOOR” pode ter uma forma reduplicada. O movimento de sinal nominal de que se referem a objetos específicos, como DOOR, BOOK, SELL e DRAWE, é frequentemente duplicado. Os sinais para os movimentos relacionadas, como OPEN-DOOR, OPEN-BOOK, STORE e OPEN-DRAWE, envolvem um parâmetro movimento curto.

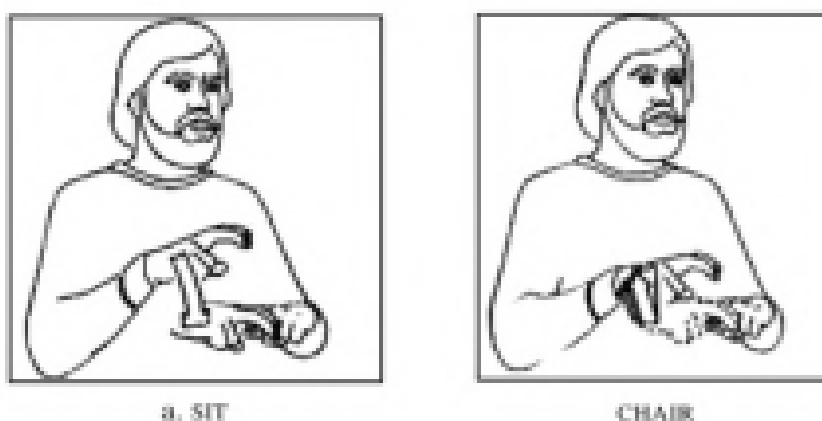
**Figura 2: Um par nome e verbo em AUSLAN**



Fonte: (Johnston & Schembri, 2007)

Sandler e Lillo-Martin (2006), ao caracterizarem processos derivacionais em línguas de sinais, abordam um dos primeiros estudos de Supalla e Newport (1978), sobre a derivação de nomes a partir de verbos na ASL. Neste estudo com pares de substantivos e verbos, os autores observaram que a reduplicação (repetição com alguma mudança no movimento, um encurtamento, por exemplo, como em SIT > CHAIR, abaixo) no parâmetro movimento de sinais que correspondiam a verbos os derivaria em substantivos / nomes, assim formando um novo sinal de diferente categoria lexical. Os verbos analisados no estudo designam um evento, uma atividade como SENTAR. Os substantivos derivados são concretos e semanticamente relacionados à atividade.

**Figura 3: Derivação em Língua de Sinais como ASL**



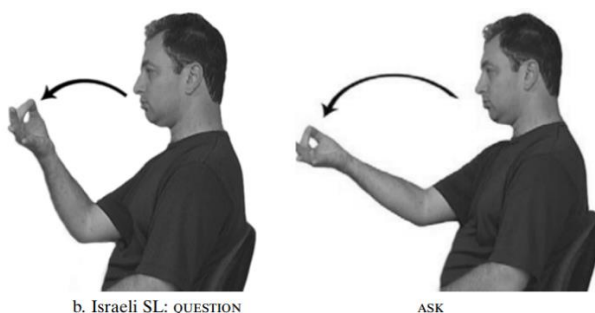
Fonte: (Supalla & Newport, 1978)

Na figura 3, o sinalizante realiza, o sinal do verbo ‘SIT’ (sentar), com um movimento único e do nome ‘CHAIR’ (cadeira) com movimento reduplicado, ou seja, a reduplicação é a marca que diferencia o verbo e o nome. Inicialmente, com base na proposta de Supalla e Newport (1978), pensava-se que em Libras, a derivação consistia na criação de nomes a partir de verbos com uma mudança de movimento. “O movimento dos nomes repete e encurta o movimento dos verbos” (Supalla e Newport, 1978).

Entende-se que numa abordagem gerativista, na qual a formação de palavras novas por determinada regra é chamada de Regra de Formação de Palavra (RFP), podem ser muito produtivas ou improdutivas, conclui-se então que o processo de reduplicação em Libras, apenas de ser uma RFP aparentemente pouco produtiva, envolve a reduplicação de um sinal verbal para a formação de um composto nominal Vi Vi (SENTAR<sub>i</sub> SENTAR<sub>i</sub>), em que V representa uma base verbal (SENTAR) e o subscrito<sup>i</sup> a identidade total entre as formas, ou melhor, o tema do verbo de ação/evento é repetido e o redobro cria o sinal nominal (CADEIRA). Tal composição, entretanto, não acarreta repetição semântica da base porque a semântica nominal não deriva da soma composicional de Vi Vi.

Outros pares de N e V diferem sistematicamente nas propriedades do componente de movimento: no substantivo é reduplicado, mas o movimento do verbo é não relacionado. Além disso, em ISL (Língua de Sinais Israelense) os verbos geralmente têm um movimento mais longo, como na questão de perguntar, como na figura (4) abaixo:

**Figura 4: Pares nome-verbo ISL: Questão e Perguntar**

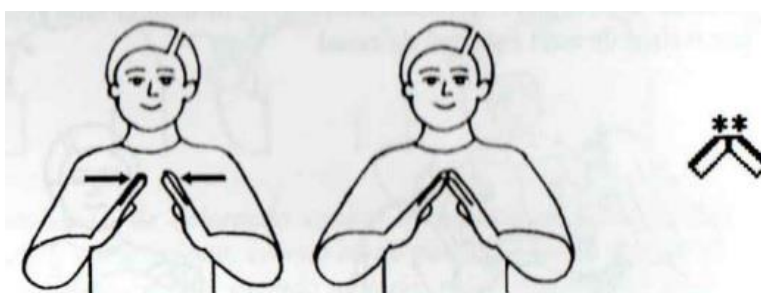


**Fonte: (Meir & Sandler, 2008)**

Muitos sinais já mencionados, semanticamente utilizam diferentes padrões de movimento para criar variações de significado. Uma das modificações mais importantes é a reduplicação.

Isto ficará mais claro no próximo item que apresenta os recursos de sintaxe da Libras. Essas características sequenciais dos componentes das frases são observadas não apenas nas frases, mas também no vocabulário amplo da Libras, como o sinal CASA aqui apresentado, em suas unidades mínimas e nos signema<sup>3</sup> que o compõe.

**Figura 5: Derivação de nome na Libras (CASA)**



**Fonte: Capovilla (2001)**

Na figura 5, o sinal de CASA mostra que as duas mãos fechadas fazem duas vezes contato pelas pontas dos dedos do movimento. O dicionário Capovilla (2001) se espalhou pelo Brasil, e uma palavra de sinais CASA é uma palavra do nome do substantivo do dicionário padrão nacional. Percebe-se que as pessoas surdas expressam atitudes por meio de mudança de vocabulário.

Xavier e Neves (2016) afirmam que o movimento que faz com que as duas mãos se toquem pelas pontas no sinal CASA é modificado em VIZINH@ e FAVELA. Em VIZINH@, as mãos são mantidas em contato pelas pontas dos dedos, mas são movidas para os lados repetidamente. Já em FAVELA, as mãos também são mantidas em contato pelas pontas dos dedos, mas são movidas para frente do corpo, girando simultaneamente pelos pulsos. Como mostram as imagens na figura (6) abaixo:

---

<sup>3</sup> Segundo Nóbrega (2016), o termo SIGMANULOGIA é um estudo de unidades mínimas viso motora espacial da Língua de Sinais. O proposto para a adequação de uma mudança de termos que conceitua tal terminologia, visando abranger o leque de possibilidades na descrição de uma língua.

**Figura 6: Exemplos de sinais derivados através da modificação do movimento**



Fonte: (Xavier & Neves, 2016)

**Figura 7: Derivação de verbo na Libras (MORAR)**



Fonte: Elaboração pelo autor

Neste exemplo apresentado, é possível observar a criação de um sinal a partir de um já existente. MORAR consiste na combinação de CM (configuração de mão), L (locação) e um M (movimento) único, CASA muda apenas a repetição do movimento, de forma mais curta. Na figura 6, o sinal CASA mostra duas mãos fechadas que não estão em contato com as pontas dos dedos do movimento. Conforme mencionado anteriormente. Na figura 5, a gramática normativa do dicionário de Capovilla (2001), não é padrão porque deixa o sinalizador CASA sem movimento. Na figura 7, o sinal MORAR indica que as mãos fechadas entram em contato uma vez com as pontas dos dedos do movimento. Existe diferença da abordagem da palavra MORAR, é que o verbo quase não possui contato de movimento, enquanto a palavra CASA é um nome com muito contato de movimento.

#### **4.1. Estrutura básica em Libras: núcleo lexicais nome e verbo**

A gramática gerativa contém a estrutura básica das sentenças em Libras, que segundo Quadros e Karnopp (2004) parece ser a ordem SVO (sujeito-verbo-objeto):

Há dois trabalhos que mencionam a flexibilidade da ordem das frases na língua de sinais brasileira: Felipe (1989) e Ferreira-Brito (1995). As autoras observaram que há várias possibilidades de ordenação das palavras nas sentenças, mas que, apesar dessa flexibilidade, parece haver uma ordenação mais básica que as demais, ou seja, a ordem Sujeito-Verbo-Objeto. Quadros (1999) apresenta evidências que justificam tal intuição propondo uma representação para a estrutura da frase nesta língua. As evidências surgem de orações simples, de orações complexas contendo orações subordinadas, da interação com advérbios, com modais e com auxiliares. As demais ordenações encontradas na língua de sinais brasileira resultam da interação de outros mecanismos gramaticais (Quadros; Karnopp, 2004, p. 139).

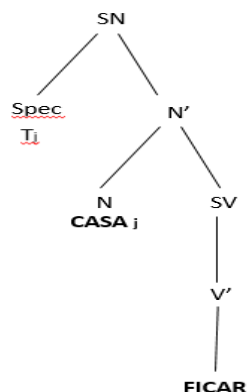
Sabemos que a ordem básica da Libras é semelhante à da Língua Portuguesa, mas também apresenta certa flexibilidade devido à sua interação com diferentes elementos gramaticais. A ordem (S)VO é diferente do argumento do sujeito nulo.

Como mencionado anteriormente, Mioto (2004), nessa perspectiva, diz que uma sentença é composta por uma sequência de sons, representados por uma Forma Fonética (Phonetic form - PF), com um determinado significado, representado por uma Forma Lógica (Logical Form - LF). De acordo com esse modelo, a relação entre PF e LF não é direta, mas mediada por uma estrutura sintática (Superficial Structure – SS) deriva de uma estrutura inicial que a teoria trata como uma estrutura profunda (Deep Structure – DS), fase atual da Teoria, onde restam apenas os níveis de interface LF e PF. Assim, aprendemos que a Teoria Gerativa apresenta uma estrutura de como a língua é organizada em nossa mente/cérebro.

Logo, o uso do tópico fez com que o argumento que ocupa a posição sintática de objeto do verbo ficar, fosse deslocado para o início da sentença afirmativa e, assim, sendo alternada a ordem direta VO para OV, conforme a estrutura sintagmática nominal em Libras abaixo:

**Figura 8: Sentença (OV)**

<CASA><sub>t</sub> <FICAR>

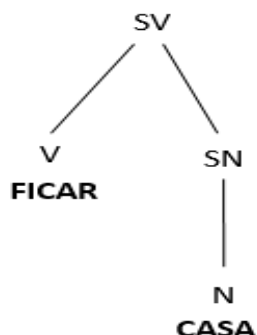


Assim, o deslocamento que o uso da topicalização ocasiona coloca a posição de tópico no nível mais alto da estrutura sintagmática da sentença, mesmo que a marca de tópico não recaia sobre toda a sentença, o NP [CASA] ganha destaque sobre toda a situação expressa pela sentença.

A sentença é construída sem a necessidade da marcação do sujeito, pois em Libras não é obrigatório o aparecimento do sujeito na sentença. Essa característica está ligada a um parâmetro, porque varia de acordo com a língua. Conforme estrutura sintagmática verbal em Libras abaixo:

**Figura 9: Sentença (VO)**

<FICAR CASA><sub>p</sub>



Nesse sentido, o pronome de segunda pessoa (VOCÊ) nem sempre é sinalizado, pois vários verbos incorporam o argumento que está na posição sintática de sujeito

através do movimento. Aquele que sinaliza é sempre na segunda pessoa, salvo quando o sinalizante indica outra pessoa do discurso como sujeito do verbo.

No que se refere a reduplicação em Libras e em conformidade aos dados sugerem a utilização de par nome e verbo na Libras, no que se refere à CASA. A figura (10) abaixo apresenta a variante utilizada para o item tópico CASA. Ordem OV (objeto-verbo), é uma frase de elevação do objeto. A topicalização de elementos nas sentenças causa alterações na ordem das construções e as topicalizações em Libras estão associadas a mecanismos não manuais com a elevação da sobrancelha.

**Figura 10: Sentença (OV)**

<CASA><sub>t</sub> <FICAR>



**Fonte: Elaboração pelo autor**

Observa-se na figura (10), alteração da estruturação da sentença, a topicalização incide apenas sobre o sinal topicalizado e não sobre toda a sentença. Nesta sentença, o NP [CASA], aparece topicalizado no início da sentença.

A figura a seguir demonstra a segunda variante da sentença em Libras com verbo. Pode apresentar apagamento do argumento com o parâmetro de sujeito nulo, conforme demonstrado logo abaixo:

**Figura 11: Sentença (VO)**

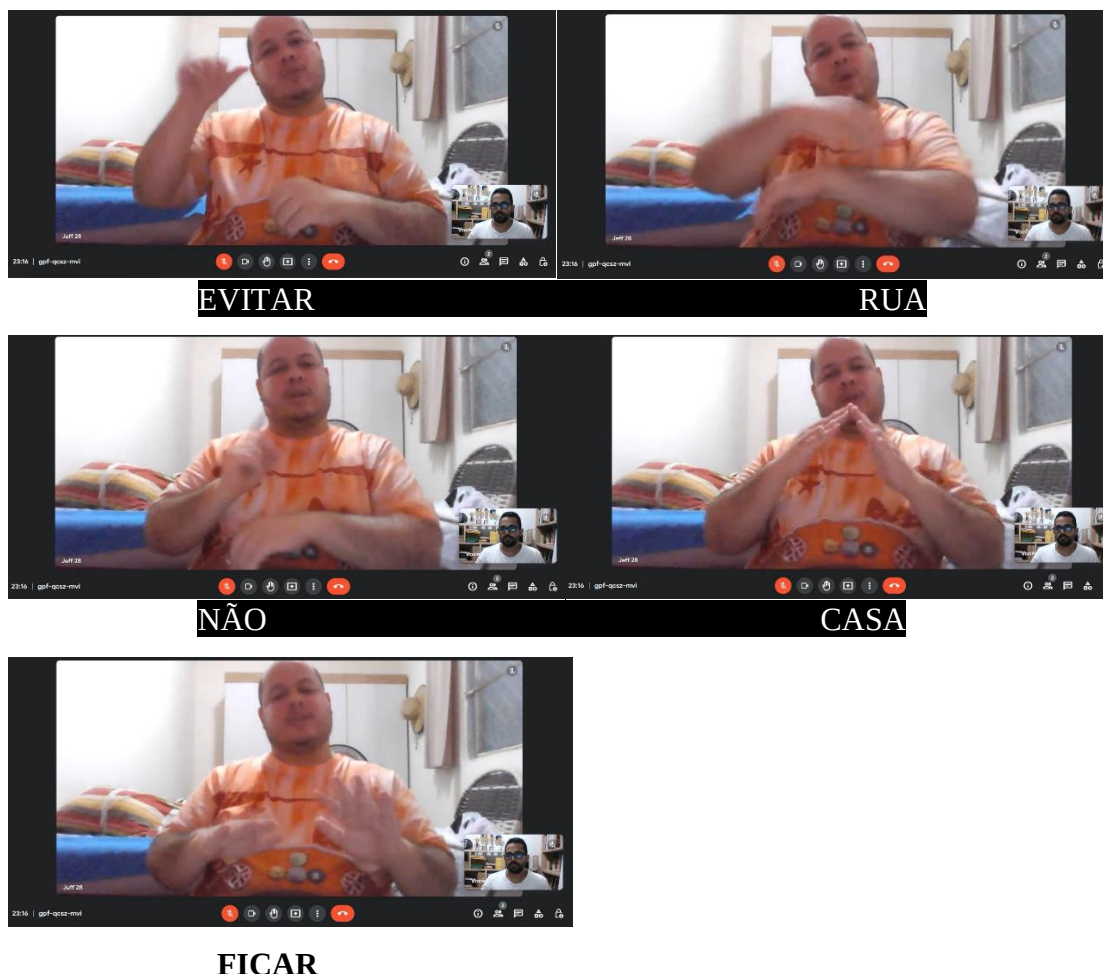
<FICAR CASA><sub>v</sub>



**Fonte: Elaboração pelo autor**



**Figura 12: Derivacional (CASA)<sup>4</sup>**



**Fonte: Elaboração pelo autor**

Observando a figura 12, vê-se uma pessoa surda que fez o seguinte anúncio: “EVITAR RUA NÃO CASA FICAR”. De acordo com alguns estudos e comparações, consegue-se encontrar a seguinte ordem: o verbo se encontra no início da frase e ao final dela temos o objeto, que se assemelha a um anúncio em português. Na Libras a frase tem a ordem inversa, começando a frase com o objeto e terminando com o verbo. O objeto se refere a “CASA” e o verbo se refere a “FICAR”. E a frase ficaria “CASA

<sup>4</sup> No que se refere aos procedimentos metodológicos, foram utilizadas entrevistas gravadas em vídeo com câmera para registrar a linguagem de sinalizantes surdos, uma vez que a Libras se manifesta por meio da modalidade espaço-visual, e assim, é possível registrar com maior propriedade os sinais que compõem essa língua. As entrevistas realizadas com informantes residentes do município de Calumbi-PE. A entrevista foi iniciada com perguntas sobre a vida social do informante, seu contato com a Libras e com comunidades surdas. Os colaboradores surdos que entrevistados são fluentes em Libras. Para a filmagem, foi utilizada uma câmera que captou toda a sinalização compreendendo o espaço da cintura até acima da cabeça. As entrevistas foram filmadas e gravadas com o uso de um notebook e, posteriormente, convertida para o formato (.mp4), por fim, utilizadas para a transcrição.

FICAR”. Mas qual seria o sentido dessa frase? Esse anúncio dentro das redes sociais tinha como sentido uma ordem. Por exemplo, fique em casa. As pessoas se sentiam impactadas com tais anúncios e obedeciam a ordem de ficar em casa.

A reduplicação é ainda mais importante, só para exemplificar, ao selecionar o termo “CASA”, percebe-se que o surdo sinalizou usando esse termo sem movimento, um sinal estático. Observou-se que comparado ao dicionário Capovilla (2001), que diz que o sinal termo “CASA” possui movimento, como se fosse uma regra nacional, o que se faz pensar que se houver uma regra, segundo o dicionário Capovilla (2001), o sinal do verbo “MORAR”, seria considerado um verbo, por possuir movimento. Porém, em entrevista com este surdo, assim como vários outros surdos, pode-se perceber que sinalizaram o sinal termo “CASA FICAR”, sem movimento. O que se faz pensar que se os surdos estivessem usando o sinal termo “MORAR FICAR”, não se qualificaria uma sintática, seria um sinal termo muito vago na Libras. Por isso dá para enfatizar que os surdos estavam se referindo ao sinal termo “CASA FICAR” e esse termo sim se classifica uma sintática na Libras.

## **5 Nome e Verbo em Línguas de Sinais: pesquisas de abordagens teóricas distintas**

Nesse subtópico, apresenta-se uma síntese de pesquisas linguísticas que tomam a categorização de nome e verbo em Línguas de Sinais em distintas abordagens teóricas a saber: na perspectiva funcionalista e na perspectiva gerativista.

### **5.1 Na perspectiva funcionalista**

Em “A Tipologia Linguística e a Língua de Sinais Brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos” Pizzio (2011), a discussão central foi sobre a validação do universal tido como absoluto sobre a distinção das categorias lexicais Nome e Verbo. Para tanto, apoia-se em análise de dados linguísticos contextualizados. Leva-se em consideração estudos existentes sobre as categorias lexicais N e V nas línguas orais e nas línguas de sinais. Segundo a autora:

[...] a busca nos dicionários de Libras proporcionou um leque grande de possibilidades em relação a cada par de nome e verbo. Foi observado que há uma variedade grande na forma de representar os sinais entre os diferentes

dicionários. Percebeu-se também que não há um padrão no movimento que diferencie todos os pares da mesma forma. Um mesmo par foi representado de maneiras diferentes em cada um dos dicionários. Desta forma, pelo menos com os dados obtidos pelos dicionários, é possível pensar que a generalização feita por Supalla e Newport (1978) não se aplica a todos os pares de nomes e verbos na Libras como se pensava (Pizzio, 2011:131).

Os resultados obtidos por Pizzio (2011), mostram que há bastante variação na produção dos indivíduos. Nem sempre foi observado o padrão esperado para a produção dos nomes e verbos, principalmente para aqueles pares que apresentam ou um movimento circular do sinal ou um movimento alternado de mãos e braços para realizar o sinal. E que, muitas vezes os indivíduos não diferenciavam na sua produção o nome e o verbo, produzindo o mesmo sinal para ambos os casos (Pizzio, 2011). Importa destacar que na pesquisa de Pizzio (2011), diz que o único par que demonstrou coerência com a hipótese do movimento como fator distintivo de N e V é apresentada por Quadros e Karnopp (2004) e Salles et al. (2007), no par SENTAR e CADEIRA (cf. figura 3). Assim, Pizzio (2011), demonstra com sua pesquisa que a falta de regularidade no processo de repetição do parâmetro impede de tomar-se tal processo como padrão na criação de nomes a partir de verbos nesta língua, não podendo ser esse associado a determinadas categorias de palavra/sinal.

Em “Universais Linguísticos aplicáveis às Línguas de Sinais: discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo” (Chaibue, 2013), afirma que lança mão da linguística funcional cognitiva e da tipologia linguística para investigar se o universal linguístico absoluto proposto por Greenberg (1996) – a saber: todas as línguas naturais fazem distinção entre nomes e verbos – deve ser aplicado às línguas de sinais com base nos mesmos critérios utilizados para as línguas orais. De modo geral, Chaibue (2013), faz considerações acerca da inconsistência desse parâmetro como elemento distintivo das categorias N (nome) e V (verbo) na Libras, encontrando nos dados de sua pesquisa certas inadequações de alguns critérios distintivos nas línguas orais para essas mesmas categorias nas línguas de sinais. Segundo Chaibue (2013):

O que se pode observar, a partir dessa análise preliminar dos dados transcritos, é que os critérios propostos por Quadros e Karnopp (2004) e Salles et al. (2007) não se aplicam de maneira tão sistemática e homogênea como se poderia esperar. Os dados selecionados acima demonstram que, tendo o contexto pragmático como ponto de referência inicial, o mesmo conceito pode se manifestar linguisticamente de maneira variada, no que se refere ao parâmetro movimento. A repetição ou alongamento do movimento

são critérios muito limitados para se distinguir entre N e V nas Libras, visto que são possíveis de serem aplicados apenas a sinais compostos por movimentos retilíneos [...] conforme já havia notado Pizzio (2011). Diante disso, os dados apontam para a necessidade de se trilhar outros caminhos na busca por critérios formais que sejam consistentes e indicativos da distinção entre categorias, a fim de demonstrar se tal distinção de fato se aplica em libras. Buscamos então analisar nossos dados levando em conta critérios de outra ordem, como os sintáticos, semânticos e cognitivos, na tentativa de obtermos uma análise mais ampla, capaz de nos mostrar as possíveis formas de se caracterizar N e V em uma língua de modalidade visogestual. (Chaibue, 2013:103).

Por fim, Chaibue (2013, Op. Cit) considera que a discussão a respeito da distinção de N e V em Libras devem ser entendidos sob o ponto de vista dos processos cognitivos envolvidos, e não como categorias lexicais em si. Nesse sentido, as categorias devem ser entendidas como um processo amplo das conceitualizações que elas remetem – entidade ou evento, e não apenas à estruturação morfológica dos léxicos. Assim sendo, pôde-se concluir que N e V de fato constituem uma distinção universal e que isso pode contribuir para uma reavaliação do universal de Greenberg (1996).

## 5.2 Na perspectiva gerativista

Em “Traços categorizadores na derivação de pares nome-verbo em Libras”, Santos (2020) trata a derivação de pares nome-verbo, em Libras, selecionando um conjunto de oito pares nome-verbo recorrentes na literatura e observa-se as características apontadas como distintivas dos pares se sustentavam na arquitetura da Morfologia Distribuída (MD). Santos (2020), argumenta a favor da presença de um morfema boca na Libras, marcado pelo traço [+expressão facial/boca], que atua como um categorizador em verbos. E que quando o movimento não está contido na raiz, esse se concatena a ela como um traço categorizador [+M], transformando-a em verbal. Assim, a raiz pode se concatenar a uma forma Ø, quando não for adjungida por [+M] nem por um traço [+E], sendo provável que, nesses casos, a diferenciação se dê por contexto sintático. Por fim, nas palavras da autora:

A análise dos dados atestou que tanto a especificação do traço [+E] por um MM adjungido a uma raiz quanto alterações que ocorrem no traço [+M] (mais alongado, intensificado, repetido etc.) indicam a presença de um categorizador verbal (Santos, 2020:506).

Em “Aspectos da categorização de nome e verbo em Libras”, Santana & Lessa-de-Oliveira (2020), buscam caracterizar nome e verbo em Libras em fundamento da Teoria Gerativa, propondo uma estrutura articulatória do sinal. As autoras, ao investigar tais categorias hipotetizam que, em Libras, nomes e verbos são marcados apenas sintaticamente. Em suma, segundo as autoras:

[...] propomo-nos a investigar como, em Libras, as categorias dos verbos e nomes (doravante N e V) se definem, trazendo ou não marcas articulatórias que correspondam a morfemas categorizadores. Assumindo a Teoria Gerativa Minimalista, estamos obviamente considerando que a categorização do item lexical, o sinal, no caso da Libras, diz respeito a traços abstratos correspondentes a propriedades formais específicas das categorias gramaticais. Assim, é importante ressaltar que a não manifestação de uma morfologia explícita, que caracterize categorialmente os sinais em Libras, não significa dizer que os traços abstratos, que rotineiramente se manifestam como morfemas funcionais nas LO, não estejam presentes nas línguas de sinais (LS) (Santana & Lessa-de-Oliveira, 2020:3).

Segundo as autoras, os resultados da pesquisa apresentam evidência de que a distinção categorial em Libras não se dá de forma morfológica, mas apenas de forma sintática, uma vez que não foi verificado em nenhum dos 25 pares N e V de sinais analisados nenhum traço morfofonológico responsável por distinção categorial. Foram verificados ocorrências da mesma forma para N e V com média de 87%, sendo esse o percentual mais recorrente, encontrado em 7 dos 25 pares N e V. Revelando que, independentemente do período de aquisição, os falantes de Libras surdos, e também os ouvintes, não fazem diferenciação morfofonológica das categorias N e V. Diante do exposto, Santana & Lessa-de-Oliveira (2020), concluem que a categorização de itens lexicais em Libras se dá de forma estrutural, definida dentro do contexto sintático e não de forma morfofonológica.

### **Considerações Finais**

Propondo abordar o processo derivacional de reduplicação em Libras, buscou-se interpretá-lo enquanto característica morfológica que pode categorizar pares de nomes e verbos distintamente. Pode-se concluir que a reduplicação em Libras se manifesta enquanto uma operação não-concatenativa de formação de novos itens lexicais a partir do redobro de um sinal de base verbal, focalizando, assim, a interpretação da morfologia

reduplicada com o léxico e não com categorias gramaticais que, prototipicamente, se refere às classes de palavras, como N ou V, atribuindo-lhes categorização morfológica, não sendo, portanto, a reduplicação em Libras um morfema categorizador.

Considerando a abordagem gerativista, na qual a formação de palavras novas por determinada regra é chamada de Regra de Formação de Palavra (RFP) que pode ser muito produtiva ou improdutiva, conclui-se que o processo de reduplicação em Libras, apenas de ser uma RFP aparentemente pouco produtiva, envolve a reduplicação de um sinal verbal para a formação de um composto  $V_i V_i$ , em que V representa uma base verbal e o subscrito  $i$  a identidade total entre as formas, ou melhor, o tema do verbo de ação/evento é repetido e o redobro cria o sinal nominal. Tal composição, entretanto, não acarreta repetição semântica da base porque a semântica nominal não deriva da soma composicional de  $V_i V_i$ . Assim sendo, a RFP republicação em Libras, sendo uma operação derivacional, não categoriza morfológicamente N e V na língua. Há de se considerar ainda as pesquisas de Santos (2020) e Santana & Lessa-de-Oliveira (2020), para as quais a categorização de itens lexicais em Libras se dá de forma estrutural, definida dentro do contexto sintático, e não de forma morfofonológica.

Levando em conta a abordagem funcionalista, considera-se tal como Chaibue que “se pensarmos em N e V como uma construção cognitiva, em que a mente humana remete a ideia de evento e de entidade, podemos confirmar a universalidade da distinção entre N e V” (Chaibue, 2013). E, por fim, os dados da Libras sugere uma ponderação acerca do universal linguístico-distinção das categorias N e V – se absoluta ou implicacional.

## Referências

BOSSAGLIA, Giulia. **Linguística comparada e tipologia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W.; MAURICIO, A. C. L. **Novo dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais brasileira – Libras baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas**. São Paulo, SP: Edusp, 2013. Volume I: Sinais de A a H.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W.; MAURICIO, A. C. L. **Novo dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais brasileira – Libras baseado em**

**Linguística e Neurociências Cognitivas.** São Paulo, SP: Edusp, 2009. Volume 2: Sinais de I a Z.

CHAIBUE, Karime. **Universais linguísticos aplicáveis às línguas de sinais: discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo.** (Dissertação) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, p. 103. 2013.

Comrie, B. **Universais da linguagem e tipologia linguística** (2ª ed.). Chicago, IL: University of Chicago Press. 1989.

CHOMSKY, N. & LASNIK, H. **The Theory of Principles and Parameters.** In: Noam Chomsky. *The Minimalist Program.* Massachusetts, Mit Press, pp. 13-127. 1995.

GLEASON (JR.), H. A. **An Introduction to Descriptive Linguistics.** Holt, Rinehart and Winston, 1961.

GONÇALVES, Carlos A. V. & VIALLI, Luciana A. D. Abordagem Construcional da Reduplicação de Base Verbal em português. **Acta Semiotica et Linguística** v. 22 no. 1. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2446-7006.2017v22n1.3689>. Acesso em 27/02/2024. 2017.

GREENBERG, Joseph H. **Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements.** In Joseph Greenberg (ed.), *Universals of Language.* Cambridge, MA: MIT Press, p. 67. 1963.

MIOTO, C; SILVA, M. F.; LOPES, R. E. V. **Novo Manual de Sintaxe.** Florianópolis: Insular, p. 51. 2004.

PACHECO, M. C. **O que é campo semântico?.** Brasil Escola. 2017. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-campo-semantico.htm>. Acesso em 15 de maio de 2024.

PIZZIO, Aline Lemos. **A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos.** (tese). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 131. 2011.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre. Artmed., p. 139. 2004.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à Morfologia.** São Paulo SP: Contexto. 2005.

SANTANA, Ediléia L. S. & LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. Aspectos da categorização de nome e verbo em Libras. **Signótica**, p. 3. v.32. DOI: 10.5216/SIG.V32.60885. Disponível em:

file:///C:/Users/valer/Downloads/signotica,+60885-Texto+do+artigo-315125-1-18-20210507.pdf. Acesso em 27/02/2024. 2020.

SANDLER, W., & LILLO-MARTIN, D. **Sign Language and Linguistic Universals**. Cambridge: Cambridge University Press. 2006.

SANTOS, Hadassa R. **Traços categorizadores na derivação de pares nome-verbo em Libras**. Scripta 24. DOI:10.5752/P.2358-3428.2020v24n51p. 506. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/344397453\\_Tracos\\_categorizadores\\_na\\_derivacao\\_de\\_pares\\_nome-verbo\\_em\\_Libras](https://www.researchgate.net/publication/344397453_Tracos_categorizadores_na_derivacao_de_pares_nome-verbo_em_Libras). Acesso em 27/02/2024. 2020.

STOKOE, William C. **Sign Language Structure: Na Outline of the Visual Communication System of the American Deaf**. New York: Buffalo University. 1960.

SUPALLA, Ted, & NEWPORT, E. L. **How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in American Sign Language**. In p. siple (ED.), Understanding Laguage Through Sign Language research (pp. 91 – 132), New York: academic press. 1978.

XAVIER, A. N. & NEVES, S. L. G. **Descrição de aspectos morfológicos da Libras**. Revista Sinalizar, v. 1, n. 2, p. 130 – 151, jul. /dez. 2016.